



MIND THE GAP

Guia para uma educação
inclusiva de género



Este guia foi produzido no âmbito do projeto Mind the Gap – Step up for gender equality, coordenado pela AIDOS – Associazione Italiana Donne per lo Sviluppo (Itália) em parceria com APF – Associação para o Planeamento da Família (Portugal), END FGM European Network (sediada na Bélgica, operando a nível da UE) e Médicos del Mundo (Espanha).

→ **Autoras**

Pina Caporaso
Valentina Fanelli (AIDOS)

→ **Contributora/es**

Isma Benboulerbah (End FGM European Network)
Sónia Breda (APF)
Sónia Duarte Lopes (APF)
Amaya Fernandez (Médicos del Mundo)
Serena Fiorletta (AIDOS)
Paco Llorente (Médicos del Mundo)

→ **Edição Original em Inglês**

Victoria Louise King

→ **Edição em Português**

Sónia Breda
Sónia Duarte Lopes

→ **Tradução em Português**

Sérgio Vitorino

→ **Desenhadora Gráfica**

Ana Mingatos

→ **Cofinanciado por**



Esta publicação foi
cofinanciada pelo Programa
Direitos, Igualdade e Cidadania
da União Europeia (2014-2020).

O conteúdo desta publicação representa unicamente as visões das/os autoras/es e é sua exclusiva responsabilidade. A Comissão Europeia não aceita qualquer responsabilidade pelo uso que possa ser feito da informação nela contida.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida ou transmitida para fins comerciais sob qualquer forma ou por quaisquer meios sem a permissão por escrito da AIDOS. A reprodução de material desta publicação é autorizada apenas para fins educativos não comerciais e na condição de que a fonte seja devidamente citada.



Guia para uma educação
inclusiva de género

ÍNDICE

1. O projeto	3
2. Prefácio	6
3. O que são estereótipos de género e qual o seu impacto	8
4. Desconstruindo estereótipos de género	14
5. O currículo oficial	22
6. O currículo oculto	28
7. Estereótipos de género através da linguagem e binarismo de género	32
8. Educação física e desporto	37

1 O PROJETO



MIND THE GAP

Step up for gender equality

Mind the Gap - Step up for gender equality é um projeto (2021/2022) cofinanciado pelo Programa Direitos, Igualdade e Cidadania da União Europeia (JUST/REC), coordenado pela AIDOS — Associazione Italiana Donne per lo Sviluppo (Associação Italiana Mulheres pelo Desenvolvimento — Itália) em parceria com APF — Associação para o Planeamento da Família (Portugal), Rede Europeia END FGM (Fim à MGF EU — sediada na Bélgica, operando a nível da UE) e Médicos del Mundo (Médicos do Mundo — Espanha).

O objetivo geral do projeto é contribuir para **combater estereótipos de género na educação** em Itália, Espanha e Portugal, reduzindo assim a influência das expectativas de género sobre as escolhas das pessoas jovens na educação, no trabalho e na vida. O objetivo específico do projeto é reforçar a capacidade de profissionais e outras pessoas adultas em contacto com crianças e jovens, para identificar e abordar estereótipos de género na educação.

O projeto baseia-se parcialmente no anterior **projeto Gender ABC (Género ABC)**, cofinanciando pela UE, que foi implementado por todas as entidades parceiras do projeto do projeto entre 2018 e 2020 e no âmbito do qual foram desenvolvidos **18 módulos educativos, 3 documentos de apoio (i.e. metodologia geral, glossário, avaliação de risco)** e **1 vídeo de animação sobre prevenção da violência baseada no género em educação.**



AIDOS, Itália → www.aidos.it

A AIDOS trabalha para construir, promover e proteger os direitos, dignidade, bem-estar, liberdade de escolha e empoderamento de mulheres e raparigas, através de programas em quatro áreas específicas: saúde e direitos sexuais e reprodutivos, capacitação económica, direito à educação e desenvolvimento de capacidades. A associação tem vindo a implementar há décadas projetos de educação e formação em Itália, África, Ásia e América Latina, com uma abordagem participativa, inclusivos em termos de género e em termos culturais, que permita envolver a totalidade de agentes relevantes (estudantes, famílias, docentes, instituições).



APF, Portugal → www.apf.pt

APF – Associação para o Planeamento da Família promove a saúde, as escolhas, a igualdade de género e os direitos em Portugal desde 1967. A sua missão é “ajudar as pessoas a fazer escolhas livres e responsáveis na sua vida sexual e reprodutiva”. A APF é uma organização voluntária composta por membras/os individuais e coletivas/os. A APF é membra da IPPF – International Planned Parenthood Federation (Federação Internacional para o Planeamento Familiar), a maior agência internacional na área da Saúde e Direitos Sexuais e Reprodutivos.



End FGM EU Network → www.endfgm.eu

A Rede Europeia End FGM EU (Fim à MGF) é uma rede de coordenação de 32 organizações nacionais que trabalham em 15 países europeus e que são especialistas em Mutilação Genital Feminina (MGF). A End FGM EU funciona como um ponto de encontro para comunidades, organizações da sociedade civil, responsáveis pela tomada de decisão e outras/os agentes relevantes a nível europeu, para interagir, cooperar e unir forças no sentido de pôr fim a todas as formas de MGF na Europa e no mundo. Coloca no centro do seu trabalho vozes de base, para influenciar os governos europeus e responsáveis pelas decisões políticas a trabalhar para a eliminação da MGF. Desenvolve a capacidade dos/as seus/uas membros/as, oferecendo espaços de partilha de conhecimento e desenvolvimento de parcerias.



Médicos Del Mundo, Espanha → www.medicosdelmundo.org

Uma ONG de âmbito local, focada no papel da saúde para todas as pessoas, que está ligada a nível nacional e regional com outras organizações. Trabalha em contacto estreito com comunidades migrantes em 14 de 17 regiões em Espanha, com programas MGF em 6 destas. Enquanto organização de saúde, a MDM trabalha em estreita relação com os serviços de saúde nacional e regionais em Espanha e tem muita experiência com comunidades migrantes, através dos/as seus/uas mediadores/as interculturais.

2 PREFÁCIO

Em muitos estados-membros da UE, percepções estereotipadas de género influenciam a educação, a profissão e a vida das pessoas jovens. As raparigas que estudam disciplinas de educação, saúde e humanidades são o dobro, em comparação com os rapazes^{1,2}. Muitas vezes, escolhem profissões de ensino e cuidados, geralmente menos valorizadas e remuneradas, aumentando assim o fosso salarial da UE (16%)³. A sub-representação das mulheres no emprego a tempo inteiro (16%), em todos os países da UE deve-se também à desproporção entre mulheres e homens no trabalho doméstico e nas responsabilidades de cuidados⁴. Os estereótipos de género, não só causam disparidades no acesso ao trabalho ou à educação, como também alimentam a violência baseada no género em todas as suas formas. Cruzam-se com outras discriminações e violências baseadas em categorias sociais tais como religião, raça⁵, contexto socioeconómico, diversidade funcional, identidade de género e orientação sexual, impedindo as pessoas jovens de viverem numa sociedade inclusiva e segura.

O Instituto Europeu para a Igualdade de Género (IEIG) e a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE) sugerem que os contextos educativos são espaços ideais para quebrar estereótipos de género numa fase precoce. Manuais escolares não equitativos em termos de género, e as atitudes das/os docentes, têm impacto nas escolhas de carreira e nas oportunidades de emprego⁶ das/os estudantes. Contudo, em muitos países da EU, os compromissos, orientações e recomendações governamentais para promover a igualdade de género na educação ainda estão por aplicar plenamente e o pessoal escolar carece de formação. Docentes e outros/as educadores/as não têm as ferramentas para desconstruir eficazmente os estereótipos de género e contrariar expectativas de género prejudiciais que são, continuamente — e, por vezes, inconscientemente —, perpetradas por famílias, pares, sistemas educativos, meios de comunicação, religiões e pela sociedade em geral.

Este manual é dirigido a docentes de escolas básicas e secundárias, educadores/as de sistemas não-formais e estudantes de Ciências Pedagógicas, Educativas e Didáticas no Ensino Superior. Visa providenciar-lhes um conjunto de ferramentas úteis quando trabalham com jovens, a fim de promover a igualdade de género, prevenir a violência baseada no género, melhorar a capacidade das/os estudantes para explorar todo o seu potencial e construir um ambiente educativo inclusivo e equitativo para todas as pessoas. Não pretende ser um manual exaustivo, para ser lido uma vez e depois deixado na prateleira, mas antes um instrumento prático para ser guardado no bolso e consultado sempre que necessário. **Um guia para a mudança.**



VIVER EM IGUALDADE

Este projeto é acompanhado pelo **baralho de cartas “Viver em Igualdade”**, destinado a capacitar educadoras/es e adultos/as em geral para fomentar uma igualdade evidente entre crianças, seja na distribuição das tarefas domésticas quotidianas, ou na maneira como o tempo livre é usado.

As crianças absorvem as atitudes e comportamentos que veem (ou não veem) na sua família, bem como em docentes e outras pessoas que conhecem. Ao fazê-lo, incorporam atitudes e comportamentos que podem moldar a sua própria personalidade. Com frequência, os exemplos que veem mostram uma sociedade justa e igualitária, onde nos tratamos mutuamente com respeito e partilhamos tarefas domésticas, trabalhos e formas de desfrutar o nosso tempo livre — uma sociedade em que todas as pessoas recebam as mesmas oportunidades, independentemente do sexo ou de qualquer outra diferença. Mas, por vezes, esta não é a imagem que recebem.

Este jogo de cartas visa ajudar a criar uma sociedade na qual toda a gente partilhe as muitas ações necessárias para que os indivíduos cresçam para se tornarem membros realizados da sociedade de hoje. Dirigido a crianças com idades a partir dos três anos, as ilustrações tornam divertido e fácil às crianças identificarem as ações retratadas nas cartas. Na caixa, são providenciadas instruções para jogar de diferentes formas com as cartas.

3 O QUE SÃO ESTEREÓTIPOS DE GÉNERO E QUAL O SEU IMPACTO?

Desde os nossos primeiros dias como crianças, e mesmo antes de nascermos, estamos rodeadas/os por estereótipos de género que nos afetam. Mas o que são estereótipos de género? Os estereótipos de género são generalizações sobre aquilo que é esperado de homens e de mulheres num contexto social específico. Por exemplo, geralmente espera-se que as raparigas gostem de bonecas e que os rapazes brinquem com jogos de construção. Espera-se que os rapazes sejam ruidosos, agitados e fortes, enquanto as raparigas são representadas como sossegadas, calmas e sensíveis. Os estereótipos de género não são apenas ideias excessivamente simplificadas sobre gostos, atitudes e comportamentos, mas também sobre capacidades e ambições. Portanto, definem os nossos papéis sociais. Assim, ao entrar no sistema escolar, assume-se com frequência que as raparigas se sairão melhor em — e preferem — disciplinas humanísticas, enquanto os rapazes terão uma aptidão para ciência e matemática. Estas ideias não têm qualquer base biológica e são inteiramente produto de expectativas sociais e da sua influência sobre os indivíduos (ver o subcapítulo “O Cérebro com Género” na página 20). Os estereótipos de género dependem dos períodos históricos e dos contextos culturais, pelo que podem variar entre épocas e lugares.



SEXO E GÉNERO

De acordo com o Instituto Europeu para a Igualdade de Género:

Sexo refere-se às características biológicas e fisiológicas que definem os seres humanos como masculinos ou femininos. Estes conjuntos de características biológicas não são mutuamente exclusivos, pois há indivíduos que possuem ambos, mas estas características tendem a diferenciar os seres humanos como homens ou mulheres.

Género refere-se aos atributos e oportunidades sociais associados com ser-se homem e mulher e com as relações entre mulheres e homens e raparigas e rapazes, bem como as relações entre mulheres e aquelas entre homens. Estes atributos, oportunidades e relações são construídos socialmente e são aprendidos através de processos de socialização. São específicos de um tempo e de um contexto, e mutáveis.

3. O que são estereótipos de género e qual o seu impacto? ◀

O género determina o que é esperado, permitido e valorizado numa mulher ou num homem num determinado contexto. Na maioria das sociedades, existem diferenças e desigualdades entre mulheres e homens nas responsabilidades atribuídas, nas atividades realizadas, no acesso a recursos e ao seu controlo, bem como a oportunidades de tomada de decisão. O género faz parte do contexto sociocultural mais amplo. Outros critérios importantes para a análise sociocultural incluem classe, raça, nível económico, grupo étnico e idade.

Instituto Europeu para a Igualdade de Género (IEIG) – Léxico e Glossário

Estas indicações precoces sobre aquilo de que se espera que gostemos, como se espera que sejamos e no que se espera que sejamos boas/ons são, de facto, **constantemente reforçadas por diferentes esferas da sociedade**. Frequentemente, por todas elas: família, pares, comunidades, meios de comunicação, líderes religiosos/as e políticos/as. Além disso, são habitualmente acompanhadas de outras expectativas, tais como outros estereótipos ditados pela nossa sociedade, frequentemente ligados a discriminações, conscientes e inconscientes, baseadas em contexto socioeconómico, religião, raça, etc. Juízos baseados nestas generalizações podem inicialmente poupar tempo e energia, mas acabam por não conseguir captar a riqueza dos traços e capacidades dos indivíduos e limitam os seus direitos.



O impacto que os estereótipos de género têm nos indivíduos é muito importante: pode ir tão longe quanto afetar a sua saúde e as suas vidas. Este impacto pode ser exacerbado por outras formas de discriminação, como o racismo.

O fosso de género é muito evidente no Ensino Superior. Segundo o Eurostat, “as áreas predominantemente masculinas são ‘Tecnologias de Informação e Comunicação’ (onde os homens representam 81% das pessoas licenciadas) e ‘Engenharia, fabrico e construção’ (73%). Por outro lado, quatro em cada cinco pessoas licenciadas em ‘Educação’ são mulheres (80%). Outra área na qual as mulheres estão amplamente sobrerrepresentadas é ‘Saúde e bem-estar’, com 74% de licenciadas”⁷. **Este fosso reflete-se mais tarde no mercado laboral:** estudar disciplinas Ciências, Tecnologias, Engenharias e Matemática (CTEM) permite, frequentemente, assegurar um emprego bem-remunerado, enquanto é muito comum que os salários nos setores social e educativo sejam baixos. Em todo o lado, as mulheres são pagas menos, mais desempregadas, menos propensas a ter empregos com remuneração elevada. Com maior frequência, são empregadas apenas a tempo parcial. As mulheres também experimentam barreiras no acesso ao mercado de trabalho e à permanência no mesmo.



As mulheres na UE ganham uma média de 86 cêntimos por cada euro ganho por um homem

O impacto de as raparigas não serem encorajadas a adquirir fortes competências matemáticas, ou a brincar com brinquedos de construção, não se detém na educação e no trabalho. Pessoas que não adquiriram um bom nível de numeracia no ensino básico são, mais tarde nas suas vidas, menos propensas a conseguir negociar o seu salário, poder aceder aos seus direitos — incluindo o direito a fazer escolhas informadas no que respeita a saúde, representação política e **cidadania** em geral⁸. Jovens que nunca brincam com jogos como blocos de construção ou tangram são menos propensos a ganhar **consciência espacial**, que é uma capacidade tipicamente desenvolvida em idade precoce. Esta consiste em estarmos cientes de onde — no espaço — está o nosso corpo em relação a objetos ou outras pessoas. A perceção do espaço também influencia o nosso pensamento, e como organizamos e associamos os nossos pensamentos e experiências. Taxas menores de utilização do computador também reforçam esta falta de capacidades espaciais e, adicionalmente, criam um **fosso digital** de género⁹. Ao mesmo tempo, os rapazes não são encorajados a brincar com bonecas, ou outros jogos que ajudam a desenvolver técnicas de narração e a explorar emoções. Isso reduz a sua capacidade para expressar verbalmente como se sentem, lidar com raiva e construir relações baseadas no diálogo e na partilha.

Como vimos, os estereótipos de género não decidem apenas em que setores as pessoas poderão estar interessadas, mas também as suas pressupostas atitudes e comportamentos. Estas expectativas de género também têm um forte impacto na vida futura das pessoas jovens. Uma mulher a quem, ao crescer, foi dito repetidamente que, enquanto rapariga, ela devia ficar em silêncio e não discutir, poderá ser afetada por estas ideias na sua capacidade para avaliar os seus direitos. Enquanto um homem que sempre ouviu dizer que “rapazes serão rapazes”, provavelmente pensará que tem legitimidade para ser agressivo, insensível e mesmo violento. A linguagem sexista — incluindo expressões como “mulherengo” ou “provocador”, às quais estamos acostumadas/os desde pequenas/os — traz consigo a ideia de que um homem que tem muitas/os parceiras/os é bem-visto, enquanto para uma mulher isto está associado com não ser uma boa pessoa. Estes estereótipos são as raízes de abusos comuns como “slut-shaming” (i.e., chamar pejorativamente as mulheres de prostitutas ou equivalente), piropos e outras agressões verbais, físicas e sexuais. Além disso, a ideia de amor romântico justifica e alimenta a **violência baseada no género**.

Construída através de elementos culturais tais como filmes, livros, música e os meios de comunicação, frequentemente não é baseada em papéis igualitários, de confiança e respeito mútuo, e aceita assédio, controlo e abuso psicológico. Muitas expressões de género estereotipadas também transmitem a ideia de que as mulheres são irracionais, e o seu comportamento precisa de ser controlado por homens na esfera sexual, familiar, social ou económica. Estes estereótipos estão ligados a várias formas de violência baseada no género — incluindo casamento precoce e forçado, mutilação genital feminina e negação de acesso a educação, ao mercado de trabalho, a recursos e propriedade – que são reforçadas e perpetuadas pelo patriarcado e por outros tipos de discriminação como o racismo.



VIOLÊNCIA BASEADA NO GÉNERO

A violência baseada no género é um fenómeno profundamente enraizado na desigualdade de género. Continua a ser uma das mais notáveis violações dos direitos humanos em todas as sociedades. A violência baseada no género é violência dirigida contra uma pessoa em virtude do seu género. Tanto mulheres como homens sofrem violência baseada no género, mas a maioria das vítimas são mulheres e raparigas.

A violência baseada no género inclui pressão psicológica, abuso físico ou sexual, abuso socioeconómico, discriminação de género e exploração. Pode assumir a forma de uma negação de recursos ou de acesso a serviços. Isto significa que a violência não é necessariamente física.



Na UE, a partir dos 15 anos de idade:

1 em cada 3 mulheres sofreu violência física e /ou sexual

1 em cada 2 mulheres sofreu assédio sexual

1 em cada 20 mulheres foi violada

*1 em cada 5 mulheres sofreu “stalking”
(i.e., perseguição de carácter sexual)¹⁰*

▶ 3. O que são estereótipos de género e qual o seu impacto?

Imagens estereotipadas de homens sentados no sofá a ler o jornal enquanto as mulheres estão ocupadas a cozinhar, a fazer tarefas domésticas e a ajudar as crianças com os trabalhos de casa perpetuam a ideia de **papéis de género desiguais dentro do casal e da família heterossexuais**. Por sua vez, alimentarão disparidades laborais, num ciclo interminável: as mulheres não conseguem progredir nas suas carreiras porque o fardo dos cuidados domésticos é demasiado pesado. Continuarão a cuidar da casa e das crianças porque trabalham fora de casa menos (ou ganham menos). Estes desequilíbrios estão tão profundamente enraizados nas nossas sociedades que, muitas vezes, continuam a existir mesmo quando a mulher está a trabalhar as mesmas horas (ou mais) e a trazer para casa o mesmo salário (ou maior) que o homem.



Antes da epidemia de COVID-19, as mulheres na UE despendiam semanalmente uma média de mais 13 horas do que os homens em cuidados e trabalho doméstico não remunerados¹¹

Outro aspeto importante dos estereótipos de género diz respeito à **identidade de género e à orientação sexual**. Frequentemente, as expectativas estereotipadas incluem esperar que todas as pessoas sejam cisgénero e heterossexuais. Na verdade, as pessoas podem ser cisgénero (a sua identidade de género é concordante com o sexo e o género que lhes foi designado à nascença); ou transgénero (o seu género não é concordante com o sexo que lhes foi designado à nascença). Podem também ser não-binárias (o seu género não é rigorosamente nem masculino, nem feminino) e podem ser lésbicas, gay, bissexuais, ou questionar a sua sexualidade. Os estereótipos de género podem causar dificuldades adicionais às pessoas LGBTQI+, especialmente às crianças e jovens: angústia, falta de amor-próprio e outras consequências muito graves, com impacto na saúde mental e no sucesso académico.

Por outro lado, desconstruir os estereótipos de género, superar o fosso de género e **construir uma sociedade equitativa do ponto de vista do género, traria inúmeros benefícios**. Permitiria a toda e a cada pessoa ser livre de seguir as suas próprias inclinações pessoais, para atingir o seu pleno potencial e prevenir que vivencie sofrimento psíquico causado pela pressão social. Mas também reduziria drasticamente os números relacionados com todas as formas de violência baseada no género, que têm um enorme custo social¹². Por outras palavras, traria benefícios para os indivíduos e para a sociedade em geral.



IGUALDADE DE GÉNERO

Implica que os seres humanos são livres de desenvolver as suas capacidades pessoais e de fazer escolhas, sem as limitações estabelecidas por papéis de género rígidos; que os diferentes comportamentos, aspirações e necessidades de mulheres e homens são igualmente considerados, valorizados e priorizados.

Todos os estados-membros do Conselho da Europa assinaram a Convenção sobre a prevenção e o combate à violência contra as mulheres e a violência doméstica — a **Convenção de Istambul** — e 21 destes ratificaram-na. Esta estabelece as normas vinculativas para combater efetivamente a violência baseada no género. Adicionalmente, a maioria dos estados-membros dispõe de documentos oficiais, linhas orientadoras e planos de ação para abordar estas questões a nível nacional.

A **estratégia da UE para a igualdade de género 2020-2025** enumera um conjunto de ações para os próximos 5 anos. Compromete-se a assegurar que a Comissão Europeia incluirá uma perspetiva de igualdade em todos os domínios das políticas da UE.



PARA SABER MAIS →

1) Comissão Europeia, relatório de 2021 sobre a igualdade de género na UE, 2021. Disponível em:

https://ec.europa.eu/info/sites/info/files/aid_development_cooperation_fundamental_rights/annual_report_ge_2021_en.pdf

2) Serviço de Pesquisa do Parlamento Europeu, Violência contra as mulheres na UE: Situação Atual, 2019, p. 2. Disponível em:

[https://www.europarl.europa.eu/RegData/etudes/BRIE/2018/630296/EPRS_BRI\(2018\)630296_EN.pdf](https://www.europarl.europa.eu/RegData/etudes/BRIE/2018/630296/EPRS_BRI(2018)630296_EN.pdf)

4 DESCONSTRUINDO ESTEREÓTIPOS DE GÉNERO

Sentadas/os na mesma sala de aula, lendo o mesmo manual escolar, ouvindo o/a mesmo/a professor/a, rapazes e raparigas recebem educações muito diferentes¹³



Os/as professores/as são responsáveis pela escolha do que incluir no currículo e como transmiti-lo aos/às estudantes. Há um consenso crescente sobre a necessidade de negociação curricular com as/os alunas/os. Um currículo escolar sensível à inclusão de género deve incluir mais sobre o contexto e o tema das questões de género.

 **COMO AS COISAS SÃO...**

Tanto as raparigas como os rapazes são **negativamente** afetadas/os por estereótipos de género. Estes limitam a liberdade das crianças pequenas para desenvolverem todo o seu potencial na escola, nas carreiras e na vida psicossocial. Os efeitos nocivos dos estereótipos são vivenciados pelas crianças desde cedo. Estes incluem raparigas excessivamente preocupadas com a imagem corporal; bullying de crianças que não cumprem crenças estereotipadas do que significa ser um rapaz ou uma rapariga; crianças que não estão em conformidade com estereótipos de género sofrendo sentimentos negativos sobre si mesmas.

 **... E COMO PODEM SER MUDADAS**

Docentes e educadores/as não-formais têm o poder de criar uma **escola aberta à diversidade**. Como veremos, o género é aprendido, portanto pode ser desaprendido; a consciencialização é o primeiro passo neste percurso. Compreendermos e enfrentarmos os nossos próprios preconceitos de género — muitas vezes inconscientes — é a condição prévia para os desafiar. Quanto mais conscientes os/as professores/as estão dos estereótipos de género, mais podem tentar mediar os seus efeitos. Devem estar cientes de que os comportamentos adotados durante os processos de ensino também são influenciados pela maneira como as/os


COMO AS COISAS SÃO...

A violência baseada no género também começa numa idade muito mais precoce do que se julgava.

Em 2015, uma equipa de investigadoras/es realizou um vasto estudo da OCDE em 65 países: “O ABC da Igualdade de Género na Educação: Aptidão, Comportamento, Confiança”. Este analisou as competências e conhecimento de estudantes com 15 anos de idade em leitura, matemática e ciência, de acordo com uma perspetiva de género. Chegou a conclusões importantes sobre os resultados escolares:

- Embora as raparigas tenham geralmente melhor desempenho em todas as competências — e superem amplamente os rapazes na leitura —, os rapazes têm melhor prestação do que as raparigas em matemática e ciência, em altos níveis de desempenho;
- As raparigas relatam uma falta de confiança em matemática e não consideram uma carreira em engenharia e na computação, que são áreas com elevada oferta de emprego e altamente remuneradas (as assim-designadas disciplinas CTEM: ciências, tecnologias, engenharias e matemática);
- É mais provável que as famílias esperem que os seus filhos — em detrimento das suas filhas — entrem numa carreira CTEM, mesmo quando rapazes e raparigas têm um desempenho igualmente bom na escola.

Sobre tais bases, **rapazes e raparigas escolhem campos de estudo diferentes** — CTEM para os homens, humanidades


... E COMO PODEM SER MUDADAS

próprias/os professoras/es foram ensinadas/os e aculturadas/os.

Os sistemas educativos devem combater a **segregação de género nos campos de estudo**.

★ É necessário que as/os professoras/es apoiem as raparigas na abordagem à ansiedade matemática e a tornarem-se mais confiantes na área CTEM. ★

Os/as docentes podem abordar esta questão pedindo às/aos alunas/os que escrevam ou falem sobre preocupações relativas à matemática. Esta atitude pode ajudar com desempenhos matemáticos e atenuar a ansiedade matemática. Pode ser útil para aumentar gradualmente a dificuldade ou complexidade das tarefas matemáticas, permitindo às/aos estudantes sentirem-se confortáveis com as mesmas.

A capacidade de sermos bons/oas em matemática não é algo com que nascamos; pode mudar ao longo do tempo e ser influenciada por muitos fatores. Se as/os docentes estão mais conscientes da ansiedade das raparigas nesta área, podem concentrar-se em incentivá-las e encontrar estratégias possíveis.

Não pode continuar a adiar-se uma revisão dos estereótipos masculinos e dos modelos para os rapazes. Explicar as implicações sociais de afirmações como “as raparigas não lutam” ou “os rapazes não choram”, pode ajudar a confrontar os valores mais comuns sobre masculino



para as mulheres — resultando numa verdadeira “segregação de género através dos campos de estudo”.

Num grande número de outros estudos, as conclusões mostram diferenças de género na **autoavaliação de inteligência** entre estudantes, com as mulheres consistentemente a atribuírem classificações mais baixas à sua própria inteligência do que os seus congéneres masculinos¹⁴.

Por outro lado, muitos estudos revelam que importantes competências, tais como as emocionais, são mais bem expressas pelas raparigas. Em “Diferenças de Género na Expressão Emocional em Crianças”¹⁵, as/os investigadoras/es descobrem que as raparigas mostram mais emoções positivas e maior interiorização de emoções (tristeza, ansiedade, compaixão) do que os rapazes. Por sua vez, os rapazes mostram mais exteriorização de emoções (raiva) do que as raparigas. **As diferenças de género nas emoções positivas** foram mais vincadas com o aumento da idade, com as raparigas a mostrarem mais emoções positivas do que os rapazes a meio da infância. “Dizeres como ‘os rapazes não choram’ e ‘açúcar e especiarias e tudo de bom, é do que são feitas as meninas’¹⁶ refletem expectativas culturais — de que as raparigas mostrem alegria ou tristeza, enquanto os rapazes sejam fortes e calmos, mostrando raiva se necessário. Estas crenças estão refletidas em estudos que questionam pessoas adultas e crianças sobre as suas expectativas face à expressividade emocional de mulheres e de homens. E também, em certa medida, em estudos que questionam indivíduos sobre as suas próprias emoções”.

e feminino. Os/as educadores/as devem assumir a responsabilidade de educar rapazes mais sensíveis e empáticos, capazes de expressar emoções. Esta é uma base fundamental para prevenir a violência baseada no género.

O cérebro é plástico. Por isso, experiências diferentes irão mudá-lo: se formos melhores numa determinada atividade/tarefa, gostamos mais de a fazer. Para consolidar este entendimento, as escolas devem proporcionar exemplos positivos de mulheres em CTEM, do passado ao presente.

As escolas também devem propor aos rapazes modelos positivos, não agressivos, e orientados para a família. Isto pode ser fundamental para desafiar os estereótipos masculinos. Tanto nos estudos sociais como nos cognitivos, é evidente a **importância de modelos** no estabelecer da autoidentidade e da autoestima, em todas as idades.

A adolescência é um período de mudanças, acompanhado por fortes expectativas culturais e sociais de comportamentos de acordo com o género. Nesta etapa, as/os alunas/os poderão precisar de orientação, tanto emocional como do foro psicológico, que apoie as suas escolhas de percurso escolar. **Integrar o género nas práticas de aconselhamento e orientação**, pode contribuir para promover a igualdade de género no processo de aprendizagem e nos resultados da educação. Também pode garantir liberdade de escolha na educação para todas as pessoas.



O QUE PROFESSORES/AS E EDUCADORAS/ES **PODEM FAZER**

- **Compreender e abordar** os seus próprios preconceitos de género.
- **Combater** a segregação de género nos campos de estudo: não assuma que uns/umas estudantes são melhores do que outras/os numa disciplina por causa do seu género. Encoraje-os/as a seguir o seu potencial, para além dos estereótipos de género.
- **Debater** com os/as estudantes as implicações sociais de afirmações estereotipadas. Incentivá-los/as a desconstruir papéis de género negativos, que alimentam a violência baseada no género.
- **Fornecer** modelos positivos para além das expectativas de género. Por exemplo: mulheres em CTEM, homens como cuidadores primários, pessoas transgénero como trabalhadores/as em várias áreas, etc.
- **Integrar** o género nas práticas de aconselhamento e orientação.

Liste aqui outras ações que poderá realizar:

-
-
-
-



SUGESTÃO DE RECURSOS E ATIVIDADES

Para desmistificar estereótipos e prevenir a violência baseada no género, os/as professores/as podem implementar atividades participativas e interativas, fomentando a reflexão e o intercâmbio dos/as estudantes sobre estes temas. O **Kit pedagógico Gender ABC** inclui um conjunto abrangente de módulos de formação para o ensino básico e secundário. Inclui igualmente documentos de apoio — como uma descrição metodológica e um glossário — para ajudar docentes a abordar questões como estereótipos de género e normas sociais, capacitação e comunicação, orientação sexual e identidade de género, violência nas relações íntimas e segurança corporal. Pode começar, por exemplo, com o módulo sobre **Normas Sociais e Estereótipos de Género**, disponível tanto para o **ensino básico**, como para o **ensino secundário**.

Seguem-se algumas sugestões de recursos. Para aceder a recursos em português, confira as notas de edição portuguesa nas páginas 41-43.



**Ensino
Básico**



Mulheres na Ciência, é um jogo de cartas que familiariza as/os jogadoras/es com mulheres notáveis — com frequência desconhecidas — da ciência, e oferece modelos inspiradores para crianças:

www.luanagames.com/en.pdf¹⁷

Pode mostrar este vídeo para iniciar uma conversa sobre estereótipos masculinos:



www.youtube.com/watch?v=kq-IPU-uvlg¹⁸



Ensino Secundário

Hypatia é um projeto Horizonte 2020 da UE. Tem por objetivo trazer mais adolescentes, especialmente raparigas, para carreiras CTEM. Aqui está um jogo de cartas cooperativo:



www.expecteverything.eu/file/2017/03/School_STEM-Women-Cooperative-Card-Game_EN.pdf¹⁹

Aqui está um vídeo que pode usar para discutir o que a sociedade espera dos rapazes:



www.youtube.com/watch?v=kicgMlqBh24&t=1s²⁰

Para aceder a recursos em português, confira as notas de edição portuguesa nas páginas 41-43.

↪ *Escreva aqui as suas notas*



O CÉREBRO COM GÊNERO



Os percursos das pessoas jovens marcados pelo gênero, constituídos por diferentes competências que emergem durante os anos escolares, levantam-nos algumas questões:

Porque é que raparigas e rapazes alcançam resultados educativos diferentes, e desenvolvem diferentes competências sociais?

Os cérebros femininos e masculinos funcionam de maneira diferente?

Temos competências inatas devido ao sexo?

Como as/os neurocientistas amplamente enfatizam: o cérebro é geralmente pró-ativo. Não só responde a informação, também gera previsões. Os cérebros são plásticos e maleáveis. Mesmo na idade adulta, continuam a ser alterados pelas atividades que fazemos. “Os cérebros refletem as vidas, não apenas o sexo, de quem os possui”²¹. Mas, desde o momento do nascimento, os cérebros das raparigas e dos rapazes podem ser colocados em caminhos diferentes. O desenvolvimento cerebral está enredado com o ambiente no qual se está a desenvolver.



Diferentes resultados na educação, e diferentes competências sociais desenvolvidas durante a infância e a adolescência, são questões sociais: “Um mundo marcado pela diferenciação de gênero, produzirá cérebros com gênero”. É por isso que a escola e a educação têm uma grande responsabilidade de reforçar cada pessoa, em nome do pleno desenvolvimento do seu potencial.

Considerando competências espaciais — tais como leitura de mapas, montagem e construção, ou manuseamento de objetos tridimensionais —, os resultados de muita pesquisa mostram que, em média, os homens superam as mulheres.

Esta é uma forte diferença sexual que, aparentemente, comprova uma aptidão inata, com base biológica.

Contudo, experiências espaciais — como brincar com brinquedos de construção, jogar videogames de ação, ter passatempos que envolvem processamento espacial, tais como construir carros ou jogar aos dardos — são muito melhores preditores de quem vai ser melhor pensador/a espacial. Ao comparar mulheres com altos níveis de experiência visuoespacial com homens que têm o mesmo nível, as diferenças entre homens e mulheres desaparecem. Aquilo que parece uma diferença sexual emergiu, na verdade, de algo diferente: as oportunidades que a sociedade e a educação podem ter oferecido aos indivíduos.

No passado, as respostas de bebés — meninos e meninas — à interação com pessoas adultas, eram consideradas inatas. Mesmo hoje, estas crenças podem ser poderosas. Por exemplo: “as meninas bebés falam e estabelecem contacto visual mais cedo, enquanto os meninos bebés tendem a mover-se mais, e a caminhar mais cedo”, podem ser considerados exemplos de respostas dadas pela natureza. Ao invés, estas competências são aprendidas através de interações sociais. O incentivo excessivo de brincadeiras de mobilidade a meninos bebés, poderá prejudicar o tempo passado em contacto face a face; por outro lado, em estudos através de uma vasta gama de comunidades linguísticas, está demonstrado que as mães verbalizam mais com as suas bebés meninas. Resulta claro que estão em jogo fatores sociais e culturais. Segundo a investigação mais recente em neurociência, é correto afirmar que a fluência verbal, a cognição espacial e a destreza matemática não são aptidões intrínsecas, relacionadas com o facto de as pessoas serem rapazes ou raparigas. Quando nascemos, não há evidência de qualquer tipo de diferenças sexuais nos nossos cérebros. Mesmo fatores químicos, como hormonas, não podem determinar diferenças cerebrais, ou de comportamento, entre homens e mulheres. Estes exercem fortes influências sobre processos biológicos, e determinam diferenças no aparelho físico associado com cópula e reprodução. Mas também são sensíveis ao ambiente social. Por exemplo, evidências de plasticidade, socialmente induzida, nos níveis da hormona da testosterona, mostram que o pai de um/a bebé recém-nascido/a do qual é cuidador primário, terá um nível de testosterona muito menor do que o pai que não é o principal prestador de cuidados. E isto mostra quão enredada a natureza está com a aculturação.

5 O CURRÍCULO OFICIAL

O CURRÍCULO OFICIAL

O **currículo oficial** é o conjunto de objetivos, conteúdos, recursos e tipos de avaliação formulados pelo governo ou pela instituição de ensino. Vemos, com frequência, uma omissão da diversidade nos conteúdos e recursos escolares. O currículo oficial também inclui manuais escolares e materiais de aprendizagem. Estes são uma parte significativa da reprodução de estereótipos de género, em todos os aspetos: terminologia, seleção de imagens, figuras históricas, referências e muito mais.

The Glossary of Education Reform (Glossário da Reforma Educativa), 2015.



Os manuais escolares do ensino básico estão cheios de normas e papéis de género específicos, veiculados através de imagens e textos. As imagens são frequentemente tratadas como elementos decorativos, embora sejam muito mais do que isso²². Os livros infantis são uma importante fonte de estereótipos de género, porque apresentam às crianças um modelo sobre o qual estas organizam o seu comportamento.

Podemos observar a existência de um **simbolismo de género específico nos manuais escolares**:

- participantes femininas são relegadas para a esfera privada;



É preciso transformar os sistemas educativos, para se tornarem sistemas equitativos. Docentes e educadores/as devem tentar desafiar estereótipos, ajudando todas as pessoas a realizar o seu potencial.

A igualdade de género é apenas uma faceta do compromisso com um ambiente escolar (e mundial!) diverso e inclusivo. Este compromisso deve ser alargado para desafiar todos os outros preconceitos nas escolas, tais como aqueles de raça, religião, classe, capacitismo, etc. Para se tornar mais inclusivo, o sistema educativo deve desvendar e desconstruir, passo a passo, todas as formas pelas quais reproduz estereótipos, e agir ativamente



COMO AS COISAS SÃO...

- participantes masculinos são predominantemente representados na esfera pública;
- as mulheres são apresentadas como mães, esposas e cuidadoras, em grande medida confinadas ao mundo privado de casa e jardim;
- os homens são representados num leque mais alargado de atividades: algumas em espaços interiores, mas especialmente aquelas que envolvem ambientes exteriores, nomeadamente atividades no recreio, no parque, na praia. Participam em desportos ativos, como ciclismo, futebol, basquetebol;
- um conjunto de imagens, especialmente as colocadas no ambiente escolar (sala de aula), representam as raparigas em papéis marginais. Em contraste com os rapazes, que são apresentados como assertivos, intelectuais e indivíduos que tomam decisões, capazes de assumir papéis de liderança;
- estudos adicionais afirmam que não existem modelos femininos positivos com que as raparigas se possam identificar;
- o preconceito de género também representa os rapazes de forma negativa, como fazendo bullying e sendo ruidosos, em contraste com a gentileza e delicadeza das raparigas.



... E COMO PODEM SER MUDADAS

para os remover e alterar as suas práticas. O pessoal escolar pode ter um forte impacto na aceitação e inclusão: jovens que não se sentem apoiadas/os pelo pessoal escolar têm — acima de quatro vezes mais — maior propensão a deixar a educação mais cedo do que aquelas/es que sentem um bom apoio da escola²³.

Para ajudar a reduzir a estereotipia de género, **os/as professores/as podem rever os manuais escolares e livros de leitura**, olhando atentamente para as imagens e textos. Também podem **escolher ou produzir materiais de aprendizagem inclusivos em termos de género**.

De acordo com os diferentes níveis escolares, todo o material de aprendizagem pode ser revisto para verificar:

- se as raparigas são retratadas como personagens fortes e como corajosas, inteligentes, audaciosas solucionadoras de problemas;
- se as raparigas são retratadas como interessadas em ciência, tecnologia, matemática;
- se os rapazes são retratados como amáveis, atenciosos, cuidadores, afetuosos, respeitosos;
- se os rapazes são encorajados a expressar os seus sentimentos.



COMO AS COISAS SÃO...

Além disso, o conteúdo multicultural representa apenas uma pequena parte da literatura e dos manuais das escolas. Com uma grande ausência de pessoas com diversidade funcional, os manuais escolares também atestam a invisibilidade destas pessoas na sociedade em geral. Frequentemente, quando se tenta retratar a diversidade, cai-se em estereótipos racistas e capacitistas.

Nos manuais escolares do ensino secundário, podemos observar as mesmas questões: a história é dominada pela narrativa masculina; nas diferentes matérias, há uma ausência de mulheres influentes apresentadas como relevantes.



... E COMO PODEM SER MUDADAS

Além disso, as/os professoras/es podem:

- rever os livros com as/os estudantes, identificando estereótipos, estimulando-as/os a uma avaliação crítica. Esta também pode ser alargada a outros produtos culturais;
- criar as suas próprias bibliotecas inclusivas em termos de género, escolhendo livros que não reproduzem estereótipos;
- encher a sala de aula com uma variedade de brinquedos e atividades disponíveis para todas as crianças, e permitir-lhes explorar as suas preferências num ambiente livre.

A desigualdade de género na história é uma questão para discutir em todas as eras, enquanto um fenómeno mundial, usando fichas informativas adequadas. A história está repleta de exemplos de pessoas de género diverso, em todas as culturas e religiões, em todo o mundo. A cronologia do **ativismo das mulheres**, e da sua emancipação durante os últimos séculos, é um tema fundamental para compreender as consequências e o impacto destes movimentos. O currículo escolar pode incluir **modelos** através de livros — biografias ou ficções — que mostram um vasto leque de ocupações e êxitos para todos os géneros. Explorar as artes, os meios de comunicação e a cultura popular é uma boa maneira de descobrir conteúdos e mensagens relacionados com o género.



COMO AS COISAS SÃO...

O ponto de vista é ocidental, masculino, branco, e física e mentalmente capaz, mas tudo é implícito e dado como “natural”. As personagens do dia-a-dia exercem as suas identidades de género de acordo com normas de género específicas. Indivíduos com outras características são marginalizados ou estão ausentes.



... E COMO PODEM SER MUDADAS

As/os estudantes podem comparar, analisar e interpretar resultados, discutindo-os com os/as seus/uas pares e enquanto turma. Estas atividades podem ter um impacto positivo no desenvolvimento de muitas competências.



O QUE PROFESSORES/AS E EDUCADORAS/ES PODEM FAZER

- **Identificar** estereótipos de género nos manuais escolares;
- **Construir** uma biblioteca inclusiva em termos de género;
- **Trabalhar** com crianças e jovens na identificação de estereótipos de género em livros e produtos culturais;
- **Incentivar** as crianças a brincar com uma variedade de brinquedos;
- **Incluir** modelos de género diversos no currículo de ensino.

Liste aqui outras ações que poderá realizar:

-
-



SUGESTÃO DE RECURSOS E ATIVIDADES

Em muitos países, existem editoras que publicam livros que desafiam estereótipos; estes livros merecem um lugar nas bibliotecas escolares e de turma.

Em atividades educativas, é importante que os brinquedos estejam disponíveis para toda a gente, e que as atividades sejam abertas a toda a gente. Blocos de construção, animais de peluche, materiais de arte, equipamento desportivo, figuras de super-heroínas/óis, serviços de chá, carros, bonecas, etc., devem estar disponíveis para toda a gente. Misturar regularmente as escolhas introduz variedade, para que as crianças tenham a oportunidade de descobrir e ganhar novas experiências.

Let Toys Be Toys (Deixem os Brinquedos Ser Brinquedos) apela a que a indústria de brinquedos e a indústria editorial parem de limitar os interesses das crianças, ao promoverem alguns brinquedos e livros como indicados apenas para raparigas, ou outros apenas para rapazes:



<https://www.lettoysbetoys.org.uk/>²⁴

Uma lista alargada de Livros de Ilustrações Diversos e livros infantis com personagens Transgénero, Não-Binárias e com expressões de Género Variantes:



https://assets2.hrc.org/welcoming-schools/documents/WS_Diverse_Picture_Books_Transgender_Non-Binary.pdf



https://assets2.hrc.org/welcoming-schools/documents/WS_Great_Diverse_Books_Transgender_Non-Binary_Children.pdf²⁵

We Need Diverse Books™ (Precisamos de Livros Diversos) é uma organização sem fins lucrativos de apreciadoras/es de livros infantis, que defende mudanças essenciais na indústria editorial, para produzir e promover literatura que reflita e reconheça as vidas de todas as pessoas jovens: <https://diversebooks.org/>²⁶



**Ensino
Básico**



Ensino Secundário

Uma lista alargada de Livros Transgénero, Não-Binários e com expressões de Género Variantes para jovens a partir dos 10 anos de idade:



https://assets2.hrc.org/welcoming-schools/documents/WS_Diverse_Middle_Grade_Books_Transgender_Non-Binary.pdf²⁷

Livros Diversos e Inclusivos para Inspirar Jovens Adultos/as:



<https://www.scholastic.com/teachers/teaching-tools/book-lists/resources/diverse-young-adult-book-list.html>²⁸

Para aceder a recursos em português, confira as notas de edição portuguesa nas páginas 41-43.

Escreva aqui as suas notas

6 O CURRÍCULO OCULTO

O CURRÍCULO OCULTO

O “**currículo oculto**” refere-se às “lições, valores e perspetivas não escritos, não oficiais e, muitas vezes, involuntários que as/os estudantes aprendem na escola”. Enquanto o currículo “formal” consiste nas disciplinas, lições e atividades de aprendizagem em que os/as estudantes participam — bem como no conhecimento e competências que as/os educadoras/es lhes ensinam intencionalmente —, o currículo oculto consiste nas mensagens académicas, sociais e culturais, tácitas ou implícitas, que são comunicadas às/aos estudantes enquanto estão na escola.

The Glossary of Education Reform (Glossário da Reforma Educativa), 2015.



O que as/os professoras/es dizem ou não, a sua linguagem corporal, o que fazem e quem chamam, formam um currículo oculto que é mais poderoso do que qualquer lição do manual.

Através do currículo oculto, docentes e educadores/as validam inconscientemente normas e estereótipos de género. Por exemplo, as raparigas são mais louvadas pelas/os professoras/es pela sua aparência e comportamento atencioso; os rapazes recebem mais elogios pela sua força física. Este tipo de interação reforça um dos estereótipos de género mais comuns, embora docentes e educadores/as não o façam conscientemente.

As metodologias de ensino podem ajudar a construir um espaço mais inclusivo nas escolas.

Encorajar uma **abordagem participativa** na sala de aula permite às pessoas jovens assumir um papel ativo na sua própria aprendizagem. Algumas das áreas que poderão beneficiar de abordagens mais ativas são: a literacia emocional, as competências interpessoais ou sociais, o pensamento crítico, as competências de cidadania. Metodologias diferentes irão focar-se no desenvolvimento de diferentes aptidões: estabelecer conexões, fazer perguntas e explorar pontos de vista são estratégias que — todas



COMO AS COISAS SÃO...

Grace & Gravestock (2009), na sua investigação “Inclusion and diversity: Meeting the needs of all students” (Inclusão e Diversidade: Atendendo às necessidades de todos/as os/as estudantes), observaram as interações de docentes na sala de aula. Constataram que estes/as:

- Chamam estudantes masculinos com mais frequência;
- Esperam mais tempo para que rapazes respondam a perguntas;
- Concedem a estudantes masculinos mais contacto visual após formularem as perguntas;
- Memorizam os nomes de estudantes masculinos;
- Usam estes nomes ao chamar estudantes masculinos;
- Nomeiam comentários de estudantes masculinos nos debates de turma;
- Interrompem as estudantes femininas antes do fim da sua resposta;
- Fazem aos rapazes mais perguntas que apelam a um pensamento crítico de “ordem superior”, em oposição a descrição de factos, de “ordem inferior”, que fazem mais às raparigas;

O currículo oculto age precisamente porque é inconsciente. É muito importante refletir conscientemente sobre as interações na sala de aula, e considerar o espaço que raparigas e rapazes ocupam nela.



... E COMO PODEM SER MUDADAS

elas — desenvolvem autoconfiança e contribuem para construir um ambiente sem censura.

A sala de aula deve ser um lugar seguro para partilhar ideias e experiências. É necessário que as discussões com estudantes sejam conduzidas com sensibilidade, e tendo em consideração os **contextos e experiências das/os estudantes**. Por exemplo, o género pode ser uma questão sensível para algumas **pessoas, que poderão não se identificar com qualquer género**. Ou pode ser um “assunto controverso”, que evoca sentimentos e opiniões fortes, que afetam o contexto social, cultural e económico em que as pessoas vivem. É importante adotar sempre uma abordagem inclusiva, especialmente em temas que podem ser considerados delicados.

Em atividades de turma, professoras/es e educadoras/es podem optar por **dividir ou não os/as estudantes em grupos de rapazes e raparigas**. Esta atitude poderá reforçar uma visão binária do género, mas, em última instância, a adequação desta escolha dependerá do objetivo. Por exemplo, tem sentido fazê-lo para treinar as/os estudantes em tarefas normalmente associadas com o sexo oposto (por exemplo, rapazes treinam massagens, enquanto raparigas treinam artes marciais).



O QUE PROFESSORES/AS E EDUCADORAS/ES **PODEM FAZER**

- **Ser sensível** aos contextos dos/as estudantes;
- **Considerar** as pessoas que não se identificam com um género específico;
- **Questionar** a adequação de dividir estudantes em grupos de rapazes e raparigas;
- **Incentivar** uma abordagem participativa;
- **Fazer perguntas** - em vez de usar afirmações - para melhorar a compreensão mais aprofundada:
 - Todos os rapazes gostam das mesmas coisas?
 - Todas as raparigas gostam das mesmas coisas?
 - Rapazes e raparigas podem gostar das mesmas coisas?
 - Quem decide que coisas são para rapazes ou para raparigas?
 - Como te sentes se pensares que outros/as estão a falar sobre ti?
 - Como te sentes se gostares de alguma coisa, mas alguém disser que não é para ti?

Liste aqui outras ações que poderá realizar:

-
-
-



SUGESTÃO DE **RECURSOS** E **ATIVIDADES**

De forma a criar um espaço seguro para partilha de ideias e experiências entre estudantes, as/os docentes podem usar algumas das atividades dos módulos Gender ABC. Por exemplo, as atividades do módulo de **Dinâmicas de Grupo** (desenvolvido para escolas secundárias, mas facilmente adaptável para as básicas) podem ser usadas para melhorar a comunicação, conhecer-se mutuamente e construir confiança no interior do grupo.

O módulo **Orientação Sexual e Identidade de Género** (disponível tanto para o **ensino básico**, como **secundário**) contém atividades que enquadram o tema numa discussão mais ampla, em torno de respeito, identidade, não discriminação e inclusão. O módulo também foca formas específicas de bullying baseado na orientação sexual e identidade de género das pessoas.



**Ensino
Secundário**

O Género explicado a jovens:



<https://www.youtube.com/watch?v=PzGauky20tc>²⁹

Para aceder a recursos em português, confira as notas de edição portuguesa nas páginas 41-43.

Escreva aqui as suas notas

7 ESTEREÓTIPOS DE GÉNERO ATRAVÉS DA LINGUAGEM E BINARISMO DE GÉNERO

COMO AS COISAS SÃO...

A linguagem reflete e influencia poderosamente atitudes, comportamento e perceções.

As formas linguísticas mais comuns têm o efeito negativo de fazer desaparecer a diversidade nas representações mentais. As escolhas lexicais da comunicação quotidiana reproduzem as assimetrias de estatuto social e de poder, em favor das pessoas “homens-brancos-ocidentais-física e mentalmente capazes”.

Em línguas com género gramatical, é comum e aceite usar nomes ou pronomes masculinos para referir todas as pessoas: homens, mulheres, pessoas transgénero e não-binárias. A consequência é que o **plural masculino pode dificultar a autoestima, e moldar negativamente a identidade das raparigas, das mulheres e de todas as pessoas que não têm uma identidade masculina**. No uso atual da linguagem, devido aos estereótipos de género que pretendem que as mulheres sejam castas e orientadas para a família, não existe uma contrapartida masculina para termos como “mãe solteira” ou “mulher de carreira”. Além disso, em muitas línguas não existe equivalente masculino para “Menina” (no sentido de mulher solteira), sugerindo que ser casada/o era (e, às vezes, é) considerado como relevante para o estatuto das mulheres, mas não dos homens.

... E COMO PODEM SER MUDADAS

A linguagem é decisivamente importante, e pode influenciar as atitudes de crianças e jovens.

A utilização de uma linguagem equitativa e inclusiva em termos de género pode, efetivamente, prevenir as consequências negativas dos estereótipos de género, e promover a igualdade de género. As/os professoras/es e educadoras/es devem **usar linguagem inclusiva: falando e escrevendo de uma forma que não discrimine um determinado sexo, género, raça ou religião, e não perpetue estereótipos de género ou racismo**. Podem evitar o uso genérico do masculino, combinando diferentes estratégias linguísticas.

Algumas formas femininas são vistas como negativas, porque soam estranhas e gramaticalmente incorretas em algumas línguas. Mas, **quantas mais palavras femininas, ou equitativas em termos de género, forem cunhadas e usadas, mais habituais e neutras soarão, devido à mera divulgação**. A igualdade de género é maior em países que falam línguas neutras em termos de género, ou sem género, do que em países que falam línguas com género.

Na Suécia, o pronome de género neutro ‘hen’ foi adicionado aos pronomes existentes para ela e ele. O pronome foi proposto para referir pessoas cujo



Do mesmo modo, de acordo com os estereótipos de género mais comuns, **os homens são habitualmente descritos com palavras instrumentais, e as mulheres com palavras expressivas.** A linguagem instrumental inclui palavras como “ambicioso/a”, “direto/a”, “assertivo”, “intelectual”; A linguagem expressiva inclui palavras mais suaves, tais como “prestável”, “boa trabalhadora em equipa”, “amigável”, “solidária”. Nos meios de comunicação, **os homens são colocados com mais frequência no papel de sujeito lógico, e são descritos como mais ativos; as mulheres são colocadas mais frequentemente em papéis indefesos ou de vítima, e descritas como mais passivas e emocionais.**

Além disso, muitas vezes, o currículo de ensino assume, em grande medida, uma perspetiva limitada: considera que todas as pessoas são cisgénero ou heterossexuais. Ao invés, sabemos que a realidade pode diferir consideravelmente desta representação, e que a **orientação sexual e identidade de género podem variar.** A sociedade e os sistemas educativos baseiam-se na ideia de que existem dois sexos biológicos e duas categorias de género — masculino ou feminino. Este sistema binário dita padrões em muitas esferas, tais como vestuário, atividades e comportamentos. Parte da investigação científica aponta para o facto de o género ser um espectro, em vez de duas categorias binárias. No entanto, nas escolas existe, frequentemente, uma série de práticas que podem resultar em tratamento injusto e menos favorável de estudantes com géneros não-binários.



género era desconhecido ou irrelevante, e para pessoas que se auto categorizam fora dos binários de género. Inicialmente, a maioria das pessoas na Suécia tinha atitudes negativas em relação à nova palavra. Mas, passados dois anos, o uso da palavra aumentou, e as reações tornaram-se mais positivas.

É importante transmitir a uma criança ou jovem a mensagem de que, se qualquer uso da linguagem as/os torna desconfortáveis, podem partilhar este sentimento e pedir uma solução. **Deve ser dada às pessoas jovens a oportunidade de dizer como se identificam ou se auto-descrevem, de acordo com a sua sensibilidade de género.**

Exemplos podem incluir:

- Uma regra inflexível de uniforme escolar, que não oferece opções “unissexo”;
- Não providenciar vestiários que atendam às necessidades de todas as pessoas;
- Uma escola não proteger estudantes LGBTQI+ contra bullying por parte de colegas.



O QUE PROFESSORES/AS E EDUCADORAS/ES **PODEM FAZER**

- **Referir-se** aos/às alunos/as como “estudantes” ou “crianças”, utilizando um termo de género neutro para o grupo, ao invés de “rapazes e raparigas”, “meninos e meninas”.
- **Usar** o pronome com o qual uma pessoa quer ser associada.
- **Evitar** o uso generalizado de “homem” e dos seus derivados, conforme se segue:
 - Homem — pessoa, indivíduo;
 - Homem — pessoas, humanidade, seres humanos;
 - O homem comum — a pessoa comum;
 - “Chairman” — coordenador/a, diretor/a, presidente;
 - O Carteiro — o/a distribuidor/a dos correios, carteiro/a;
 - O Polícia — a/o agente policial, ou mulher polícia, se relevante;
 - O Bombeiro³⁰ — o/a bombeiro/a;
 - O Investigador — o/a investigador/a;
 - Comissário de bordo, hospedeira de bordo — assistente de bordo;
 - Atores de desenvolvimento — os/as atores/atrizes de desenvolvimento, as/os agentes de desenvolvimento.
- **Usar** formas femininas quando apropriado, mesmo que no início possam soar estranhas.
- Em situações em que é necessário que um pronome se refira a pessoa cujo género é desconhecido, **usar** ‘ele ou ela’, ‘ele/ela’ (ou ‘ela/ele’), ‘-lhe’. Ou usar ‘elu’, ‘ilu’, ‘ile’, ou ‘ele(a)’ ou ‘ela(e)’ (algumas das propostas do sistema ELU para substituir ‘ele/a(s)’) ou ainda ‘dilu’, ‘delu’ ou ‘dile’ (algumas das propostas do sistema ELU para substituir ‘dele/a(s)’).
- **Atenção** aos títulos e nomes: se aplicável, Professor/a ou Dr./Dr^a. é preferível a Sr. ou Sr^a.; usar “Senhora” em detrimento de “Menina”.
- Em situações em que se refere um homem pelo seu título completo, deve **fazer-se** o mesmo para uma mulher. Se nomear um político masculino com o seu nome completo (por exemplo, “António Guterres”), deverá usar o mesmo para uma política feminina (por exemplo, “Ursula Von Der Leyen”, e não apenas “Ursula”).



SUGESTÃO DE **RECURSOS** E **ATIVIDADES**

→ Identidade de género e pronomes:

 <https://www.youtube.com/watch?v=J3Fh60GEB5E>³¹

→ Aula de vocabulário e gramática, para evitar soar sexista, bem como gramática incorreta:

 <https://www.youtube.com/watch?v=xrzl4Bmf1fs>³²

→ Linhas orientadoras mais recentes “Linguagem de Género Neutro no Parlamento Europeu”, com recomendações:

 https://www.europarl.europa.eu/cmsdata/187108/GNL_Guidelines_PT-original.pdf

Para aceder a recursos em português, confira as notas de edição portuguesa nas páginas 41-43.

Escreva aqui as suas notas



REDESENHAR O EQUILÍBRIO

Ao responder a uma pergunta como “Que intérprete de música prefere” ou “Por favor, nomeie três atletas”, as pessoas associam predominantemente a homens. Esta atitude cultural em relação ao género na linguagem também é mostrada numa experiência realizada em escolas, chamada “Redesenhar o equilíbrio”. Na primeira versão desta curta-metragem, 66 crianças foram convidadas a desenhar uma imagem de profissional que combate incêndios, profissional que faz cirurgias, e profissional que pilota aviões de caça. 61 desenharam homens, 5 desenharam mulheres. Foi-lhes então perguntado se gostariam de conhecer versões da vida real dos seus desenhos. À sala de aula, vestidas com os seus uniformes, vieram uma cirurgiã especialista do SNS, uma bombeira da Corporação de Londres, e uma aviadora da Força Aérea no ativo. O filme foi rodado em Kent (RU), com 20 crianças com idades entre os 5 e os 7. Após este primeiro teste, outras 20,000 crianças de 20 países participaram numa experiência semelhante. As suas respostas foram usadas como a base do relatório “Desenhando o Futuro”, publicado em 2018.



As suas principais descobertas concluíram que:

- A estereotipia de género sobre profissões é definida desde uma idade precoce, e é uma questão global;
- Os padrões de empregos escolhidos por crianças com sete anos de idade são semelhantes àqueles selecionados por jovens com dezassete anos de idade;
- A família, a TV, a rádio e o cinema têm a influência predominante nas escolhas das crianças;
- Há uma necessidade de acesso a modelos mais diversificados de carreira, desde uma idade precoce;
- As aspirações de carreira das crianças têm pouco em comum com as necessidades de mão-de-obra previstas, o que pode ter graves implicações económicas;
- As crianças em alguns países em desenvolvimento aspiram frequentemente a trabalhos/empregos mais profissionalizantes do que aquelas em alguns países abastados.

A investigação académica “Redesenhar o equilíbrio” mostra que, mesmo línguas com substantivos neutros (como o inglês), podem reforçar a ideia de homens a predominarem, em todos os aspetos da vida.

 <https://www.youtube.com/watch?v=qv8VZVP5csA>

8 EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTO

COMO AS COISAS SÃO...


- As raparigas não são incentivadas a ser fisicamente ativas.
- As raparigas são consideradas menos aptas para aprender e praticar competências motoras básicas.
- As mulheres atletas são constantemente sexualizadas pelos meios de comunicação.
- Rapazes que não são fisicamente aptos são ridicularizados e alvos de chacota.
- Os estereótipos masculinos incluem força, musculosidade, atletismo e falta de empatia para com demais participantes.

Em geral, na União Europeia, os homens tendem a praticar desportos, ou outras atividades físicas, com maior frequência do que as mulheres. Por exemplo, 44% dos homens exercitam-se ou praticam desporto pelo menos uma vez por semana, enquanto 36% das mulheres o fazem. Os homens são mais propensos a praticar desporto ou atividade física para se divertirem, estar com amigos/as ou para melhorar o desempenho físico;

... E COMO PODEM SER MUDADAS

Docentes e educadores/as podem fazer do desporto uma atividade inclusiva.

O desporto e a educação física devem permitir a raparigas e rapazes desenvolver valores essenciais — tais como competição leal, respeito mútuo e respeito por regras, espírito de equipa, tolerância e responsabilidade, que contribuem, todos eles, para as/os transformar em cidadãs/ãos responsáveis.

A logo consisting of four overlapping triangles in red, blue, yellow, and green, arranged in a larger triangular shape.

*COMO AS COISAS
SÃO...*

em contrapartida, as mulheres estão preocupadas com controlar o seu peso, melhorar a sua aparência física, ou contrariar os efeitos do envelhecimento.

Estas diferenças podem ser explicadas por uma necessidade de cumprir com estereótipos de género: espera-se que os homens sejam fortes e atléticos, e espera-se que as mulheres pareçam bonitas, magras e jovens.

“ALL IN: Towards gender balance in sport” (Rumo ao equilíbrio de género no desporto), Conselho da Europa 2019)



O QUE PROFESSORES/AS E EDUCADORAS/ES **PODEM FAZER**

- **Analisar** o tipo de ambiente que existe na sala de aula.
- **Perguntar-se** que lições as crianças e jovens estão a aprender sobre o que é permitido a raparigas e rapazes fazer.
- **Falar** sobre desporto com estudantes, para identificar obstáculos ao processo de inclusão nesta área.
- Tentar **identificar** barreiras ao envolvimento das raparigas no desporto e tentar desafiá-las.
- **Propor** atividades como jogos nos quais os indivíduos não se envolvam, tal como ocorre nos desportos, em função do género.

Liste aqui outras ações que poderá realizar:

-
-
-
-




SUGESTÃO DE RECURSOS E ATIVIDADES

A utilização de TGfU – Teaching Games for Understanding (Ensino de Jogos para a Compreensão – EJPC) tem potencial didático, pedagógico e de equidade de género. O modelo EJPC coloca estudantes numa situação de jogo em que são desenvolvidas em competências de cooperação, táticas, tomadas de decisão e resolução de problemas. Estas atividades permitem às/aos estudantes terem experiências positivas, criando um sentimento de autoeficácia e envolvimento. Isto deve-se à estrutura flexível destas atividades, e ao facto de poderem ser modificadas. Estas estratégias ajudam à inclusão, satisfação e autoconfiança. E podem combater o sentimento de inferioridade das raparigas, ao serem comparadas com os rapazes.

→ Aqui está uma explicação clara dos princípios e práticas TGfU através da página de Internet do AIESEP TGfU SIG. Este é um grupo, globalmente representativo, de associações e indivíduos empenhados/os na promoção e disseminação de investigação académica baseada em torno de formas de saber, aprender e ensinar através de abordagens centradas no³³ jogo:

 <http://www.tgfu.info/>

→ Um artigo sobre TGfU como uma via para abordar questões de género em Educação Física:

 <http://www.tgfu.info/blog/the-use-of-game-based-teaching-as-a-route-to-address-gender-issues-in-physical-education>³⁴

→ A todas as mulheres e raparigas que veem o seu movimento como um movimento:

 https://www.youtube.com/watch?v=_eXE1ka4HJs³⁵

→ Como uma rapariga:

 <https://www.youtube.com/watch?v=XjjQBjWYDTs>³⁶

Para aceder a recursos em português, confira as notas de edição portuguesa nas páginas 41-43.

NOTAS FINAIS

- 1 N.T. – Os documentos dos links reportam à versão original, pelo que não se encontram traduzidos.
- 2 Estudos do Instituto Europeu para a Igualdade de Género (IEIG) sobre homens e igualdade de género, <https://eige.europa.eu/news/eige-takes-depth-look-gender-equality-classroom>
- 3 Estudos do Instituto Europeu para a Igualdade de Género (IEIG) sobre estereótipos de género, <https://eige.europa.eu/news/education-key-breaking-gender-stereotypes>
- 4 <https://eige.europa.eu/publications/gender-equality-index-2019-brief-still-far-finish-line>
- 5 Por discriminação baseada em raça, referimo-nos ao processo social de racialização, pelo qual um grupo de pessoas é definido pela atribuição de significado racial à sua identidade e discriminado com base nisso. A Rede Europeia Contra o Racismo afirma que: “As ONGs e cientistas sociais definem geralmente a violência racista como ‘atos criminosos com motivação racial contra a pessoa e/ou propriedade, e incluem insultos públicos e difamação, ameaças e incitamento a violência racial, ódio ou discriminação, etc.’ Analisando se um incidente pode ser percebido como um crime com motivação racial, de um modo geral, a experiência de boas práticas das ONGs usará a perceção da vítima como o indicador de referência”.
- 6 OCSE (2015), *O ABC da Igualdade de Género na Educação: Aptidão, Comportamento, Confiança*, PISA, Editora da OCDE <http://dx.doi.org/10.1787/9789264229945-en>
- 7 Eurostat, **80% das pessoas diplomadas no campo da educação são mulheres**, 2017.
- 8 National Numeracy, **Why is numeracy important?** (Numeracia Nacional, Porque é importante a numeracia?)
- 9 Terlecki, M.S., Newcombe, N.S. **How Important Is the Digital Divide? The Relation of Computer and Videogame Usage to Gender Differences in Mental Rotation Ability.** (Quão importante é o Fosso Digital? A Relação do Uso de Computador e Videojogo com Diferenças de Género na Capacidade de Rotação Mental). *Sex Roles* 53, 433-441, 2005.
- 10 Agência dos Direitos Fundamentais da União Europeia, **Violência contra as mulheres – um inquérito à escala da UE – Síntese dos Resultados**, 2014.
- 11 Instituto Europeu para a Igualdade de Género, **Health: Unpaid care and housework** (Saúde: Prestação de cuidados e trabalho doméstico não remunerados), 2020. Disponível em: <https://eige.europa.eu/covid-19-and-gender-equality/unpaid-care-and-housework>.

▶ **Notas Finais**

- 12 EIGE, [Estimating the costs of gender-based violence in the European Union](#) (Calculando os custos da violência baseada no gênero na União Europeia).
- 13 Sadker, D., Sadker, M. (1994) *Failing at Fairness: How Our Schools Cheat Girls*. (Falhando na Equidade: Como As Nossas Escolas Defraudam As Raparigas).
- 14 Furnham, A. (2001). Self-estimates of intelligence: Culture and gender differences in self and other estimates of both general and multiple intelligences. *Personality and Individual Differences*. (Autoavaliações de inteligência: Diferenças culturais e de gênero em avaliações de inteligências tanto gerais como múltiplas em si e no outro. *Personalidade e Diferenças Individuais*).
- 15 Chaplin, M.T., Aldao, A. (2012) *Diferenças de Gênero na Expressão Emocional em Crianças: Uma Revisão Meta-Analítica*.
- 16 N.T. – “sugar and spice and everything nice, that’s what little girls are made of”: trata-se de uma canção infantil britânica.
- 17 Nota de Edição Portuguesa – Como alternativa, pode usar o [Jogo das Profissões \(jogodasprofissoes.pt\)](#).
- 18 Nota de Edição Portuguesa – Como alternativa, pode recorrer ao Manual de Promoção de Igualdade de Gênero e de Masculinidades Não-Violentas [Manual-EQUIX.pdf \(cig.gov.pt\)](#) e/ou mostrar o vídeo [O QUE É MASCULINIDADE TÓXICA? | DESENHANDO - YouTube](#)
- 19 Nota de Edição Portuguesa – Como alternativa, pode apresentar o projeto As Raparigas do Código: [MulherTech - As Raparigas do Código \(raparigasdocodigo.pt\)](#) e/ou mostrar o vídeo [Igualdade de gênero: uma luta de hoje, amanhã e depois de amanhã. - YouTube](#)
- 20 Rippon, G. (2019) *The gendered brain: The new neuroscience that shatters the myth of the female brain*. (O cérebro com gênero: A nova neurociência que destrói o mito do cérebro feminino).
- 21 Nota de Edição Portuguesa – Como alternativa, pode mostrar o vídeo [MASCULINIDADE: Tóxica, Frágil e Alpha? O Que Significa SER HOMEM? - YouTube](#)
- 22 Sovič, A., Hús, V. (2015) *Gender Stereotype Analysis of the Textbooks for Young Learners*. (Análise de Estereótipos de Gênero dos Manuais Escolares para Jovens Estudantes).
- 23 Smith, E. et al. (2014) *From Blues to Rainbows: The Mental Health and Well-being of gender diverse and transgender young people in Australia*. (De Blues a Arco-íris: A Saúde Mental e o Bem-Estar de jovens de gênero diverso e transgênero na Austrália).
- 24 Nota de Edição Portuguesa – Como alternativa, pode mostrar o vídeo [BRINQUEDO TEM GÊNERO? BRINQUEDO DE MENINA X BRINQUEDO DE MENINO - YouTube](#) e/ou [O Desafio da Igualdade - YouTube](#) e/ou [ANALISANDO BRINQUEDOS DE MENINO x MENINA - Nunca Te Pedi Nada - YouTube](#)
- 25 Nota de Edição Portuguesa – Como alternativa, pode recorrer à lista de livros e materiais educativos do projeto Livros Viajantes: [Livros viajantes inclusivos - Projeto Livros Viajantes - SEIES \(wordpress.com\)](#) e/ou recorrer à lista de livros [13 livros inclusivos para educar crianças empáticas e tolerantes \(saberviver.pt\)](#) e/ou apresentar testemunhos, como o desta conferência TEDx legendada em português: [Why kids need to learn about gender and sexuality | Lindsay Amer - YouTube](#) e/ou [Toilets, bowties, gender and me | Audrey Mason-Hyde | TEDxAdelaide - YouTube](#) e/ou recorrer ao manual *Diversidade e Infância: Transformar Atitudes face à Diversidade de Gênero na Infância no Contexto Europeu* [handbook_PORT.pdf \(website-editor.net\)](#)
- 26 Nota de Edição Portuguesa – Como alternativa, pode recorrer ao jogo pedagógico *Crescer + Igual* [Pedagogical Game Crescer + Igual - Questão de Igualdade \(questaodeigualdade.pt\)](#) e/ou mostrar o vídeo [O Desafio da Escola - YouTube](#) e/ou [Turma da Mônica em “Juntos pela Igualdade” - YouTube](#) e/ou [Desigualdade de gênero para crianças - YouTube](#)

- 27 Nota de Edição Portuguesa – Como alternativa, pode seguir o canal T Guys Cuddle Too e mostrar os vídeos: [LGBTQI+ Dictionary \(ENG subs\) - YouTube](#) e/ou [LGBTQI+ - YouTube](#) e/ou [O que é o Sistema Binário? - YouTube](#) e/ou [Quando tínhamos mamas - YouTube](#) e/ou [Expectativas - YouTube](#)
- 28 Nota de Edição Portuguesa – Como alternativa, pode recorrer a perguntas e respostas sobre orientação sexual e identidade de género: <https://www.rea.pt/imgs/uploads/doc-pe-perguntas-e-respostas.pdf> e/ou recorrer à lista de livros: [11 livros gratuitos sobre Educação Inclusiva \(ufrb.edu.br\)](#) e/ou apresentar testemunhos, como o desta conferência TEDx legendada em português [I've lived as a man & a woman -- here's what I learned | Paula Stone Williams | TEDxMileHigh - YouTube](#)
- 29 Nota de Edição Portuguesa – Como alternativa, pode mostrar o vídeo [O que é identidade de género? - Bing video](#) e/ou recorrer aos Guiões de Educação Género e Cidadania [Guiões de Educação Género e Cidadania | Direção-Geral da Educação \(mec.pt\)](#) e/ou recorrer ao Guia Educar para a Diversidade [Brochura Educar_rev2010 \(rea.pt\)](#) e/ou recorrer ao Jogo Pedagógico #ON Sex [Jogo #ON_Sex | Associação para o Planeamento da Família \(apf.pt\)](#)
- 30 N.T. – Na versão original em inglês, à semelhança de “Chairman”, vários dos exemplos aqui utilizados incluem a palavra “homem” (“man”), o que não ocorre em português — é o caso de “Mailman” (carteiro), “Policeman” (polícia) e “Fireman” (bombeiro).
- 31 Nota de Edição Portuguesa – Como alternativa, pode mostrar o vídeo [COMO USAR PRONOME NEUTRO? - Bing video](#)
- 32 Nota de Edição Portuguesa – Como alternativa, pode mostrar o vídeo [Linguagem Neutra - Dicas - Bing video](#) e/ou [Linguagem Neutra de Género - porque você deveria usar! - Bing video](#) e/ou [POR QUE PROFESSORES DE PORTUGUÊS ESTÃO ERRADOS SOBRE LINGUAGEM NEUTRA DE GÊNERO - Bing video](#) e/ou sobre linguagem insultuosa: [Por Que Xingamos Homens e Mulheres de Modo Diferente? | Valeska Zanello | TEDxUniversidade de Brasília - YouTube](#)
- 33 Nota de Edição Portuguesa – Como alternativa, pode mostrar o vídeo [Teaching Games for Understanding e as abordagens centradas no aluno | Pedagogia do Esporte - YouTube](#) e/ou recorrer ao manual “Compass - Manual de Educação para os Direitos Humanos com jovens” | Direção-Geral da Educação: <https://rm.coe.int/compass-2016-portugues/16809ebe40>
- 34 Nota de Edição Portuguesa – Como alternativa, pode mostrar o artigo sobre TGfU como modelo de ensino dos jogos desportivos coletivos: http://www.tgfu.info/uploads/1/0/0/8/10084267/modelo_de_ensino_dos_jec_1.pdf
- 35 Nota de Edição Portuguesa – Como alternativa, pode mostrar o vídeo [Empoderamento das Mulheres - YouTube](#) e/ou sobre Carolina Beatriz Ângelo, a primeira mulher a votar: <https://www.youtube.com/watch?v=f6NniZottDM> e/ou o documentário Mulheres em Portugal: <https://www.youtube.com/watch?v=ok8dQvB08dU> e/ou recorrer à coleção de livros [Histórias de Adormecer para Raparigas Rebeldes: 100 mulheres que te inspiram a mudar o mundo - Revista ESTANTE \(fnac.pt\)](#)
- 36 Nota de Edição Portuguesa – Como alternativa, pode recorrer à série Como uma Garota/ Mulheres Fantásticas: [Mulheres Fantásticas #7 | Nannerl Mozart - YouTube](#) e/ou [Mulheres Fantásticas #13 | June Almeida - YouTube](#) e/ou [Mulheres Fantásticas | Ada Lovelace - YouTube](#) e/ou [Mulheres Fantásticas #4 | Yusra Mardini - YouTube](#) e/ou [Mulheres Fantásticas #12 | Amelia Earhart - YouTube](#) e/ou [Mulheres Fantásticas #10 | Wangari Maathai - YouTube](#) e/ou [Mulheres Fantásticas #8 | Maria Sibylla Merian - YouTube](#) e/ou [Mulheres Fantásticas #6 | Maria Quitéria - YouTube](#) e/ou [Mulheres Fantásticas | Dandara - YouTube](#) e/ou [Mulheres Fantásticas #1 | Malala Yousafzai - YouTube](#)



MIND THE GAP

Step up for gender equality

Projecto coordenado por: **Em parceria com:**

Cofinanciado por:



End FGM
EUROPEAN NETWORK



Esta publicação foi
cofinanciada pelo Programa
Direitos, Igualdade e Cidadania
da União Europeia (2014-2020).